



RELAÇÕES DE GÊNERO, SEXUALIDADES E DIVERSIDADES, UM DIÁLOGO NO ESPAÇO UNIVERSITÁRIO

Aline Ariana Alcântara Anacleto¹

Vania Galliciano²

Fernando Silva Teixeira Filho³

RESUMO: Pensar na Universidade como amplo espaço de formação, remete a pensar em uma formação ampla, não apenas voltada para questões técnico científicas de cada profissão, mas somado a isso, uma formação cidadã, que busca e promove o respeito e a equidade entre todos os cidadãos e cidadãs. Formação essa que engloba a complexa relação entre as políticas públicas da educação e as demandas sociais da diversidade de jovens atendidos pelo ensino superior. Neste contexto, o presente texto pretende apresentar os resultados da investigação das questões de igualdade de gênero, direitos humanos, práticas homofóbicas, orientações sexuais e temas correlatos, presentes no cotidiano de estudantes universitários da Universidade Tecnológica Federal do Paraná Campus Dois Vizinhos. Dentro do espaço universitário, foi organizado, como atividade de extensão, a exibição de um filme com a temática da sexualidade presente em seu enredo principal. Foi realizada uma pesquisa, com estudantes que participaram da exibição do filme, por meio de questionário estruturado, com questões referentes a sexualidade. O resultado das respostas dos questionários apontam disparidades entre as opiniões dos estudantes sobre o preconceito em relação a homossexualidade e falta de conhecimento no que se refere as relações de gênero. Portanto, se verifica a urgente necessidade de proporcionar mais espaços de reflexão desta temática no ambiente universitário, uma vez que , a Universidade tem o papel de configurar-se como um espaço potencial para fomentar estas reflexões entre os seus estudantes que estejam dispostos a discutir este e outros temas relacionados a questão da diversidade.

PALAVRAS - CHAVE: gênero; universidade; sexualidade.

INTRODUÇÃO

Pensar em Universidade como amplo espaço de formação, remete a pensar em uma formação não apenas voltada para questões técnico científicas de cada profissão, mas somado a isso, uma formação cidadã, que busca e promove o respeito e a equidade entre todos os cidadãos e cidadãs, a fim de

¹ Universidade Tecnológica Federal do Paraná - Campus Dois Vizinhos.

² Universidade Tecnológica Federal do Paraná - Campus Dois Vizinhos.

³ Universidade Estadual Paulista Julio Mesquita Filho - UNESP Assis



que possam insurgir práticas educativas no contexto acadêmico, que sejam desprovidas de (pré) conceitos e categorizações.

O mundo contemporâneo, caracterizado pela rapidez e fluidez de informações, o qual possibilita o estreitamento do processo de interação entre o sujeito e a sociedade, aponta para a necessidade emergente de que o indivíduo esteja cada vez mais atento aos arranjos sociais, permeando uma busca de reconhecimento e visibilidade, em uma sociedade intrincada de saberes e práticas que, em sua maioria, inferioriza o que compõe o núcleo da diversidade.

Neste sentido, é um equívoco desvincular as questões de classe, das relações étnico-raciais, das de gênero e de orientação sexual, compreendendo-as de maneira estanque dentro de uma ambiente educacional (MELO, 2008).

A formação universitária deve englobar a complexa relação entre as políticas públicas da educação e as demandas sociais da diversidade de jovens atendidos pelo ensino superior (VAIDERGORN, 2010). Assim, se insere as questões de igualdade de gênero, minimização e enfretamento da homofobia, prevenção a AIDS e DSTs, direitos humanos, orientações sexuais e temas correlatos.

Os espaços universitários, por agregarem um número expressivo de jovens com idades entre 16 e 22 anos, fase em que estão em plena descoberta, atividade e prática da sexualidade, devem organizar grupos de debate de questões relacionadas ao tema da sexualidade, em abordagens que vão além dos conhecimentos sobre seus aspectos biológicos e a consideram como um dispositivo de produção de subjetividade, sem excluir as relações entre corpos, desejos e ações (LOURO, 2001).

O espaço universitário agrega jovens de realidades distintas, em um processo de diversidade que não se limita ao campo socio-econômico, mas também às questões étnico-raciais, religiosas e sexuais. Dentre todas, a sexualidade, por ser um dispositivo de controle (FOUCAULT, 1988) e, como tal, direcionado à produção de entendimentos heteronormativos, sexistas e machistas sobre o sexo, o gênero, o desejo e as práticas sexuais, excluirá e tornará ininteligível toda e qualquer dissidência às normas e práticas sexuais



que compõe o dispositivo. Desse modo, o dispositivo incita e produz preconceitos capazes de fomentar práticas homofóbicas no contexto universitário e fora dele, pela não compreensão e não aceitação da diversidade.

Por homofobia entendemos o medo, a aversão, o descrédito e o ódio a gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais, de modo a desvalorizá-l@s por não *performarem* seus gêneros em correspondência com aquilo que é social e culturalmente atribuído para seus corpos biológicos. Trata-se, portanto, de um dispositivo regulatório da sexualidade que visa à manutenção da heteronormatividade (TEIXEIRA-FILHO; RONDINI; BESSA, 2001, p. 727).

Dessa perspectiva, a sociedade é regida por leis que a regulamentam e a normalizam, baseadas em fundamentos heterossexuais. As possibilidades de relações de gênero e de sexualidade que fogem a esta regra, que não encontram-se no centro das leis reguladoras, tornam-se excêntricas e passíveis de não serem respeitadas. Existem, então, vários pontos e formas de discriminação que traduzem o preconceito frente a diversidade sexual,

São diversos os preconceitos em nome da sexualidade, desrespeitam, ferem a dignidade do outro, constituindo muitas vezes, para quem é o objeto desses, sofrimentos e revoltas. São legitimados por padrões culturais que cultivam simbólica e explicitamente hierarquias e moralismos em nome da virilidade, da masculinidade e da rigidez que codifica uma determinada vivência da sexualidade como a normal, a consentida. Muitas expressões de preconceito e discriminação em torno do sexual tendem a ser naturalizadas, até prestigiadas e não entendidas necessariamente como violências (ABRAMOVAY, 2004, p. 278).

Estes preconceitos velados, associados apenas a simples brincadeiras, são para os atingidos, formas sérias de agressão e violência e constituem o campo da homofobia.

No contexto universitário essas situações de preconceito são comuns, tanto no que se refere a jovens que não compreendem a sexualidade além do seu aspecto biológico e reproduzem o preconceito advindo da cultura



heteronormativa, quanto jovens que estão em fase de descoberta da própria sexualidade, buscando a compreensão de sua orientação sexual. Portanto, a universidade, como espaço de formação, configura-se como um espaço potencial para fomentar estas reflexões entre os seus estudantes que estejam dispostos a discutir este e outros temas relacionados à questão da diversidade.

Esta é uma realidade que suscita muitos questionamentos e discussões, diante disso, o presente estudo tem por finalidade investigar a percepção de estudantes universitários sobre o tema sexualidade, no que diz respeito às relações de gênero, homossexualidade e diversidade.

MÉTODO

Esse foi um estudo descritivo, de natureza qualitativa, que leva em consideração a apreensão e a interpretação de dados, visando à descrição e a decodificação de um conjunto complexo de significados. Segundo Gonzáles Rey (2002), a pesquisa qualitativa caracteriza-se pelo seu caráter dialógico, construindo e interpretando a realidade, o que se faz fundamental na construção de conhecimento das ciências humanas, principalmente na psicologia, que desenvolve o conhecimento considerando a subjetividade do sujeito e seu enredo social, aonde sua experiência acontece.

Foram colaboradores desta pesquisa dezenove estudantes dos diferentes cursos ofertados pelo Campus Dois Vizinhos, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR-DV, homens e mulheres, com idades entre 17 e 45 anos. O principal instrumento para coleta de dados foi um questionário estruturado, com partes planejadas em uma seqüência e previamente determinada, com perguntas abertas. Para Marconi & Lakatos (1999) este é um instrumento de coleta de dados constituído por uma série de perguntas, que devem ser respondidas por escrito.

O roteiro do questionário foi construído previamente, contendo dez questões com os seguintes temas: a) dados de identificação, com o objetivo de reconhecer o perfil do participante; b) relações de gênero, com a finalidade de compreender a percepção do participante, a respeito do gênero feminino e do



gênero masculino; c) homossexualidade, a fim de compreender a percepção do participante sobre o que é ser homossexual; d) violência física ou verbal por conta de orientação sexual, a fim de entender se algum participante já passou por situações de práticas homofóbicas e como as compreendem; e) diversidade sexual, na tentativa de compreender como os participantes entendem este tema.

Esta pesquisa foi realizada, como atividade do Projeto de Extensão "Orientação Sexual: Homoafetividade em Pauta", coordenado pelo Departamento de Educação, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná Campus Dois Vizinhos. Este projeto possui como objetivo principal a promoção de um espaço universitário de debate sobre sexualidade e seus desdobramentos, abrangendo reflexões sobre homoafetividades, na tentativa de prevenir, no âmbito universitário, práticas homofóbicas.

A metodologia utilizada no projeto de extensão consiste na exibição de filmes sobre temáticas relacionadas a sexualidade. Após a exibição de cada filme é organizado um debate com os participantes, moderado pela presença de profissionais das áreas da psicologia, pedagogia e serviço social, bem como a presença de homossexuais, que relatam suas experiências pessoais, articulando propostas teóricas com a vivência da diversidade. É realizada uma ampla divulgação do projeto e de suas atividades entre a comunidade acadêmica.

Para a pesquisa, foi escolhida a primeira atividade do projeto. O filme exibido foi "C.R.A.Z.Y.", do diretor Jean-Marc Vallée. Este é um filme canadense, lançado em 2005 e conta a história do personagem Zachary Beaulieu, em sua trajetória de construção de sua identidade, em meio a uma tradicional e conservadora família canadense de cinco irmãos. O filme começa com o nascimento do quarto deles, Zach, em 1960, e acompanha os 20 anos seguintes, marcados pelas dúvidas quanto à própria sexualidade e por uma relação difícil, mas afetuosa com o pai, com quem compartilha a paixão pela música. Relata, com sutileza e agressividade, como Zac experienciava o conflito entre sua emergente sexualidade e o desejo de não decepcionar o rígido e conservador pai.



Antes de iniciar a apresentação do filme, os estudantes que compareceram à atividade, receberam o questionário e foram orientados a respondê-lo, caso quisessem participar de uma pesquisa sobre o tema sexualidade. A não participação na pesquisa, não os impedia de assistir ao filme e participar do debate. Nenhum estudante se negou a responder. Após todos preencherem o questionário e devolverem para a pesquisadora, a exibição do filme foi iniciada.

A opção por responder o questionário antes de assistir o filme, se deu por conta de acreditar que o enredo pudesse envolver os estudantes e enviar as respostas da pesquisa.

Os procedimentos éticos estão de acordo com a resolução nº 196/96 sobre a pesquisa envolvendo seres humanos do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde, uma vez que no próprio corpo do questionário havia um texto descrevendo os objetivos da pesquisa e se o estudante estava de acordo em participar.

O método para tratamento e análise dos dados colhidos foi a análise do conteúdo, a qual entende que o texto é um meio de expressão do sujeito, em que o analista busca categorizar as palavras ou frases que se repetem, inferindo uma expressão que seja possível de representá-las. Segundo Bardin (2002), a análise de conteúdo baseia-se em operações de desmembramento do texto em unidades, ou seja, descobrir os diferentes núcleos de sentido que constituem a comunicação, e posteriormente, realizar o seu reagrupamento em classes ou categorias.

Dessa maneira, as respostas das perguntas abertas do questionário foram transcritas na íntegra e a partir da análise dos textos transcritos, construiu-se, por relevância teórica das categorias, que foram analisadas por referencial teórico pós-estruturalista sobre a sexualidade e gênero.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados apresentados refletem os resultados da pesquisa, em que participaram dezenove estudantes dos cursos ofertados pelo Campus Dois



Vizinhos. Responderam ao questionário dezesseis estudantes do sexo biológico feminino e três do sexo biológico masculino. O perfil dos estudantes que participaram não possui muitas diferenças, todos com idade muito aproximadas, com exceção de dois participantes, 45 e 31 anos. São estudantes de cursos da mesma área, de ciências agrárias. Dentro deste perfil de participantes, no que se refere a orientação sexual, apenas um assumiu-se homossexual e um assumiu-se bissexual. Os outros participantes assumiram-se heterossexuais. A tabela a seguir apresenta as características que compõem o perfil dos participantes:

Tabela 1: Perfil dos Participantes, quanto a idade, sexo e orientação sexual.

Participantes	P1	P2	P3	P4
Sexo	18	18	18	18
Idade	feminino	feminino	feminino	masculino
Orientação sexual	heterossexual	heterossexual	heterossexual	heterossexual
Participantes	P5	P6	P7	P8
Sexo	19	19	19	45
Idade	feminino	feminino	feminino	feminino
Orientação sexual	heterossexual	heterossexual	heterossexual	heterossexual
Participantes	P9	P10	P11	P12
Sexo	22	19	24	31
Idade	masculino	feminino	feminino	feminino
Orientação sexual	homossexual	heterossexual	heterossexual	heterossexual
Participantes	P13	P14	P15	P16
Sexo	23	17	18	18
Idade	masculino	feminino	feminino	feminino
Orientação sexual	heterossexual	heterossexual	heterossexual	heterossexual
Participantes	P17	P18	P19	TOTAL
Sexo	17	18	17	19
Idade	feminino	feminino	feminino	16 feminino 3 masculino
Orientação sexual	bissexual	heterossexual	heterossexual	18 heterossexual 1 homossexual 1 bissexual

Fonte: questionários respondidos pelos participantes da pesquisa.

Os resultados relativos ao segundo tema do questionário, que diz respeito à percepção de gênero dos estudantes, apontam para uma percepção, que em sua maioria, não se desgruda dos aspectos físicos e biológicos de



construção do que é ser homem e do que é ser mulher. Dez participantes apontam estruturas físicas e biológicas, como as principais características que constroem um homem e/ou uma mulher.

"deve ter características físicas e atitudes masculinas"; deve ter características físicas e atitudes femininas" (P2).

"deve possuir os órgãos físicos próprios do indivíduo do sexo masculino"; "igualmente, deve possuir os órgãos próprios do indivíduo do sexo feminino" (P8).

"características físicas = o principal é o órgão sexual masculino"; "órgão sexual feminino" (P13).

"tem que ter atitudes masculinas casar com mulher, ter filhos..."; "para ser considerado mulher de verdade, tem que se respeitar, se dar valor" (P17).

"as características físicas de um homem, barba..."; "as características físicas de uma mulher" (P19).

Mesmo outros oito participantes que não apontaram a biologia como a principal característica, ressaltando o aspecto físico, falam sobre termos ligados à estrutura biológica, como instinto, caráter, atitudes.

"ter um jeito e atitudes que faça uma mulher feliz"; " ser honesta, que se respeite e também respeito o companheiro" (P5).

"tem que ter atitudes masculinas casar com mulher, ter filhos..."; "para ser considerado mulher de verdade, tem que se respeitar, se dar valor" (P14).

Os relatos destes participantes exemplificam a ideia de que as relações de gênero ainda estão unicamente conectadas à questão da sexualidade, esta, por sua vez, ainda é apenas relacionada ao sexo. A concepção de gênero apresentada pelos estudantes universitários aparece vinculada de modo estreito à questão biológica, como se a construção do feminino e do masculino estivesse unicamente relacionada ao corpo, ao sexo e ao ato sexual.

O paradigma pós estruturalista ao refletir sobre as relações de gênero e sexualidade, na perspectiva de autores pós feminista, tem a ideia de separar a categoria gênero da categoria sexualidade, pois a última é ampla, justamente para invisibilizar outras categorias, que melhor compreendem as complexas junções das particularidades das identidades modernas. O gênero, na



concepção de autores como Preciado (2008), Braidotti (2004), Butler (2003), De Laurettis (2000), é uma categoria que expressa, define e regula as relações de poder entre as pessoas, desgrudando-se das práticas sexuais, do prazer, que estariam mais ligados à questão da sexualidade.

Além disso, mesmo que considerássemos a sexualidade e o corpo sexuado como próprio do campo biológico, autores como Butler (2008), Louro (2000), argumentam que a noção orgânica sobre o corpo também sofre influência do meio em que ele se manifesta sendo, portanto, um constructo social, que o retira da estática condição de um corpo, aqui regulado e materializado por normas sociais que influenciam as teorias biológicas (Butler, 2008; Louro, 2000)

A percepção do que é sexualidade e relações de gênero, depende da natureza intersubjetiva dos próprios significados sexuais. Louro (2000, p. 129) cita que a experiência subjetiva da vida sexual é compreendida, literalmente como um produto dos símbolos e significados intersubjetivos associados com a sexualidade, em diferentes espaços sociais e culturais, o que possibilita o avanço na compreensão de gênero, como contrário ao feminismo hegemônico.

A percepção dos estudantes universitários sobre esta categoria de análise reflete a hegemonia social, em que a categoria de mulher é relativamente estável, uma vez que incorpora e subentende um sujeito político biologicamente mulher, ocidental, de classe média, branca e heterossexual (COELHO, 2009).

Esta é uma percepção que vem ao encontro do que as autoras pos-feministas e pos-estruturalista afirmam, de que o conhecimento sobre a sexualidade é dirigido, é tendencioso, ao explicar por meio do método desconstrucionista, que existem propostas éticas-estéticas-políticas que produzem os conhecimentos. Neste caso, as autoras Preciado (2008); Bulter (2008), não diz o que é o gênero, mas como ele foi inventado, o que ele não é. Ao fazer isso, ela se distancia da ética heteronormativa e se aproxima da ética que promove a diversidade.



Este discurso normativo é tão bem reproduzido na sociedade, que mesmo o único participante que se autodenomina homossexual, ainda o utiliza para explicar ser homem e mulher em sua concepção:

"apresentar características psicológicas masculinas";
"apresentar características psicológicas femininas" (P9).

Apresentar o conceito psicológico para explicar a construção do ser homem e ser mulher, já não é mais compatível para o pós estruturalismo, que entende este conceito como falido e aponta a performance homem ou performance mulher (BUTLER, 2003) como efeitos de linguagem e não determinações biológicas, sendo o psicológico obscurecido pela compreensão de processos de subjetivação, multiplicidades, efeitos de interações e práticas sociais.

Sendo assim, pode-se inferir que a educação que sujeitos do sexo masculinos e femininos recebem na infância é, em sua maioria, bem distinta. Para o homem caberia o papel de ser provedor do lar, sendo o chefe da família, e alguns traços de sua personalidade permeariam o campo da virilidade, bem como da racionalidade, seriedade, força, coragem e independência. Para a mulher, o papel mais adequado, seria a responsabilidade pelos cuidados com os filhos, com a casa e administração dos relacionamentos familiares, fundamentados em uma relação de dependência, cooperação, afetividade, sensibilidade e lealdade para com seu companheiro do sexo masculino (SOUZA, 2009).

A masculinidade, de certo modo, foi construída em oposição a feminilidade, mas ao longo do tempo, com a luta de feministas, essas posições vem se modificando e ao feminino e masculino tem sido dado e/ou ampliado seus papéis. Como indica Souza (2009) as mulheres passaram a ter um papel mais atuante dentro da sociedade; os homens, começaram a exercer atribuições antes destinadas exclusivamente a elas.

Neste contexto, insere-se outro tema do questionário que se relaciona com a questão da homossexualidade. Ao solicitar a definição de homossexualidade aos participantes, estes, em sua maioria, não possuíram



clareza em suas respostas e estas de certa maneira encontram-se relacionadas com sentimentos de preconceitos em relação a algo diferente do natural, que ultrapassa a normalidade.

"pessoas que sentem atração por outros indivíduos do mesmo sexo que o seu e procuram ter relações com os mesmo até constituir famílias" (P1).

" ver as coisas diferentes do seu jeito sem se importar com a opinião dos outros" (P6).

" é a experiência sexual por pessoas do mesmo sexo" (P8).

" um ser que tem que escolher diferentes do que se ve "normalmente", mas cada um tem direito de escolha e a vida de cada um não desrespeita o outro" (P16).

Estes relatos apontam processos da heteronormatização, que consiste nas regras sociais serem baseadas unicamente dentro de uma perspectiva heteronormativa. O sujeito homossexual fica absorvido e envolvido numa cultura que o desnaturaliza. "Podemos afirmar que a homossexualidade foi inventada historicamente como uma categoria identitária específica e oposta a uma norma (heterossexual) que se define em grande parte por aquilo que ela exclui" (TEIXEIRA-FILHO, 2011 p.50).

A sociedade atual é constituída por uma organização de classificação e hierarquização de lógicas binárias, em que sempre há uma oposição de divisão assimétrica, a qual um grupo recebe um valor positivo, em relação ao seu oposto, em que lhe atribuído valores negativos. Os processos identitários se ordenam também dentro dessa perspectiva de oposição binária, o masculino é construído em oposição ao feminino, o negro em posição ao branco, o heterossexual em oposição ao homossexual, de modo que o primeiro sempre sobrepõe-se ao segundo (SILVA, 2000).

As respostas dos participantes evidenciam uma problemática presente na sociedade como um todo, que reduz a homossexualidade a uma mera experiência física, como "pessoas que tem a preferência de se relacionar sexualmente com pessoas do mesmo sexo" (P11), "excluindo variações de possíveis subjetividades, corpos, desejos, ações e relações sociais" (SEIDMAN, 1996, p.12).



Questões estas que explicam a resposta do único participante homossexual da pesquisa, que expõe que já foi vítima de práticas homofóbicas, apontando:

"sim, e me senti injustiçado mas nunca revidei pois vejo pessoas homofóbicas como pessoas que precisam de ajuda para saírem dos porões da imposição firmados pela religião do que é certo ou errado " (P9).

Seu relato refere-se ao quarto tema da pesquisa, o qual foi o único que diz já ter sofrido violência verbal, advinda de práticas homofóbicas. Todos os outros participantes afirmam que nunca passaram por uma situação que caracterizasse homofobia e também não responderam sobre suas opiniões em relação a este tema.

O silêncio dos participantes em relação a homofobia reproduz o silêncio da sociedade frente a diversidade, que se encontra esmagada pela opressão dos padrões comportamentais dito como naturais e superiores a outras manifestações da sexualidade. Reflete, de certa maneira, "o processo de construção da homofobia que agrega outros, a saber: o patriarcado/viriarcado, o machismo, o heterossexismo que legitimam a opressão homofóbica" (TEIXEIRA-FILHO, 2011, p.52) e silencia jovens universitários frente a uma triste realidade, incapazes de dimensionar as consequências de uma sociedade que não reconhece e aceita a diversidade.

Assim, chega-se ao último tema da pesquisa, que corresponde a percepção dos estudantes em relação a diversidade sexual. Dezesete, entre dezenove participantes, referiram-se a liberdade de escolha de cada indivíduo no que tange sua orientação sexual.

São percepções que não refletem a prática experienciada por quem se encontra do lado negativo do binarismo existente na sociedade. A idéia de liberdade é uma falácia da modernidade. Para Butler (2003), em sua teoria da performance, existe a evidência de que não se pode falar em liberdade no contexto da linguagem, já que é esta que define o sexo, o gênero. O que se



pode, portanto, é pensar a produção de performances de gênero que eliminem os binarismos, produzindo maior diversidade de resultados performáticos.

Portanto, em sua maioria, são expressões de uma verdade que não condiz com o restante dos temas perpassados por esta pesquisa. Não existe diversidade sexual, permeada por uma livre escolha. Esta vai além de estruturas físicas e biológicas da identidade, ultrapassa o preconceito em relação a homossexualidade e posiciona-se veementemente contra toda e qualquer prática que possa ser considerada como homofobia. Respostas estas que não se encaixam com a percepção da sexualidade como um conceito que não se limita a questões biológicas, rendidas a opressão heteronormativa da sociedade.

"acredito que cada qual tem o direito de escolher sua orientação sexual e que as pessoas deveriam deixar de lado o grande preconceito existente diante de bissexuais e homossexuais" (P1).

"as pessoas devem ter liberdade para escolher a sua opção sexual contudo perante a sociedade ainda há muito preconceito" (P2).

"nada contra, tenho tios e amigos amigas que são homo e não os considero diferente de mim por causa de sua escolha" (P3).

"cada pessoa tem a escolha da sua vida e o seu gosto, se ela é feliz com homo ou hetero o problema é dela" (P10).

Diante deste cenário marcado por inúmeras tensões e dissonâncias, é indispensável marcar os limites de determinadas expressões que, embora aparentemente ressaltem o respeito à diferença, não se mostram dispostas, pelo que evidencia outros pontos da pesquisa, a favorecer um reconhecimento da diversidade que coloque em risco as normas, os valores e as hierarquias estabelecidas pela sociedade com seu discurso opressor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A apresentação desses resultados permite a construção de breves e modestas considerações a respeito do tema das relações de gênero e seus desdobramentos no ambiente universitário. Reflete a concepção de estudantes



sobre temas que estão ligados a eles mesmos, a seus amigos mais próximos, a seus colegas, a seus professores, a sua comunidade acadêmica como um todo. Reflete também a concepção estigmatizada da sociedade e o modo como a normatização da heterossexualidade se impõe como imperativo nos contextos sociais, mesmo este sendo educativo.

A pesquisa resultou, além disso, dados que exibem a emergência da necessidade de ampliar o debate sobre sexualidade na Universidade, não apenas para ampliar o debate e a reflexão sobre o tema, mas principalmente para evitar a propagação de práticas homofóbicas, que desautorizam o outro de experienciar suas próprias escolhas.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam. **Juventude e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**, Lisboa: Edições 70, 2002.

BRAIDOTTI, Rosi. “Gênero y posgénero: el futuro de una ilusión?” Em **Feminismo, diferencia sexual y subjetividade nómada**. Barcelona: Gedisa, 2004.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan- sobre los limites materiales y discursivos Del sexo**. 2ª Ed. Buenos Aires: Paidós, 2008.

FOUCAULT, Michael. **História da sexualidade**. A vontade de saber, vol.1. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GONZALES, Rey. F. **Pesquisa Qualitativa em Psicologia: Caminhos e Desafios**, São Paulo: Thomson, 2002.

LAURETIS, Teresa. “La tecnología del género”. Em **Diferencias. Etapas de un camino a través del feminismo**. Madrid: Horas y Horas, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. Corpo, Escola e Identidade, **Educação & Realidade**, vol.25, n.2, p.59-75, 2000.



LOURO, Guacira Lopes. Teoria Queer - Uma Política Pós-Identitária para a Educação, **Rev Estudos Feministas**, ano 9, 2001.

MELO, Marcos Ribeiro. Educação E Movimento Homossexual: Reflexões Queer, **Rev Fórum de Identidades**, Ano 2, Volume 4 – p. 71-80– jul-dez de 2008.

PRECIADO, Beatriz. “Tecnogênero”. Em PRECIADO, Beatriz. **Testo Yonqui**. Madrid: Espasa, 2008.

SEIDMAN, Steven. Introduction. In: SEIDMAN, S. (org.). **Queer Theory/Sociology**. Massachusetts: Blackwell Publishers, 1996.

SILVA, Tomas Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomas Tadeu (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOUZA, Joseleide Terto. **Contextos Contemporâneos - Homossexuais, Cultura e Mídia**, Dissertação (Mestrado) - Departamento de Comunicações e Artes /Escola de Comunicações e Artes/USP. São Paulo, 2009.

TEIXEIRA-FILHO, Fernando Silva; RONDINI, Carina Alexandra; BESSA, Juliana Cristina. Reflexões Sobre Homofobia e Educação em Escolas do Interior Paulista, **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 725-742, dez. 2011.

TEIXEIRA-FILHO, Fernando Silva; Homofobia e sua relação com as práticas "Psi". In: Conselho Regional de Psicologia 6º região (org.) **Psicologia e Diversidade Sexual**, São Paulo: CRPSP, 2011.

VAIDERGORN, José. Cidadania e Direitos Humanos na Formação Universitária. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 30, n. 81, p. 253-256, mai.-ago. 2010.